



Região Administrativa Central

Grupos do IPRS

- Grupo 1
- Grupo 2
- Grupo 3
- Grupo 4
- Grupo 5

REGIÃO ADMINISTRATIVA CENTRAL

População e Território

Tradicionalmente, a divulgação das informações do IPRS inclui um breve perfil demográfico das várias Regiões Administrativas que compõem o Estado de São Paulo, com base nos resultados das projeções populacionais realizadas pela Fundação Seade. Essas projeções são expressas nas pirâmides demográficas, que por sua vez sintetizam a estrutura por sexo e idade de uma população residente em determinado território.

Além de ser uma forma simples e clara de expressar a estrutura etária da população, a pirâmide demográfica constitui importante instrumento para estimar a demanda por serviços públicos e dimensionar a população-alvo de programas focalizados em determinados segmentos populacionais.

A utilização desse instrumental é particularmente relevante na atualidade, em razão dos efeitos da transição demográfica por que passam as populações paulista e brasileira. A transição reflete a importante e continuada redução da fecundidade, iniciada em meados dos anos 1960, e o aumento da longevidade que, em parte, está associado à diminuição da mortalidade infantil.

Atuando em conjunto, esses fatores têm conduzido à redução relativa – em alguns casos em números absolutos – da população jovem e ao progressivo aumento da proporção de pessoas idosas na população. Estabelece-se, assim, o que a demografia chama de *janela de oportunidades*, ou *bônus demográfico*: uma conjuntura muito particular em que se reduzem as demandas associadas à presença de crianças e jovens, sem que as decorrentes do aumento da população idosa se manifestem com grande intensidade.

A simples observação das pirâmides etárias adiante apresentadas sugere que, nos próximos anos, não será mais necessária a ampliação (ao menos com a intensidade do passado) da oferta de equipamentos para atender à demanda pelo ensino básico ou da rede de atendimento à saúde materna e infantil. Em contraposição, é de se esperar o aumento das demandas sociais associadas à população adulta, sobretudo a idosa, com a necessidade de ampliação da infraestrutura de atendimento desses segmentos populacionais e da capacitação de profissionais especializados.

Porém, como essas mudanças na composição da demanda por serviços sociais não se dão simultaneamente, surge essa *janela de oportunidades*. Seu aproveitamento permitiria consolidar e aprimorar as redes de atendimento direcionadas à população infanto-juvenil, enquanto se prepara uma nova composição da oferta de serviços públicos, mais aderente ao futuro padrão etário da população.

As mudanças mais notáveis ocorrerão nas faixas de idade extremas. Os menores de 15 anos perderão representatividade, enquanto a participação relativa dos maiores de 65 anos será crescente. Tal envelhecimento da estrutura etária implicará, ainda, a feminização da população, tendo em vista que as mulheres são mais longevas do que os homens, e a intensificação das mudanças nos padrões de morbidade, com o aumento do número de doenças crônico-degenerativas, acarretando, por sua vez, necessidades crescentes na oferta de serviços de saúde dessas especialidades.

Em maior ou menor grau, essas transformações podem ser inferidas analisando-se a evolução das pirâmides etárias, mas seu uso mais relevante do ponto de vista dos executores de políticas públicas reside na possibilidade de estimar, com certa precisão, as demandas sociais associadas a diferentes grupos populacionais. O dimensionamento mais preciso dos públicos-alvo de políticas e programas públicos é um elemento decisivo para o correto direcionamento de recursos materiais e humanos e, portanto, para seu sucesso.

Com a finalidade de demonstrar em que medida as pirâmides etárias podem ser utilizadas para esse dimensionamento, a presente edição do IPRS apresenta, a título de exemplo, algumas estimativas, por Região Administrativa, do comportamento da demanda por diferentes serviços de saúde dirigidos à população feminina. Tal exercício pode ser reproduzido para outros grupos populacionais e outras áreas das políticas sociais, assim como para distintos recortes regionais, como o municipal, por exemplo.

A população da Região Central, estimada em 953,2 mil habitantes, em 2008, corresponde a 2,3% do total do Estado. O crescimento populacional da região, no período 2000-2008, foi praticamente igual à média estadual, assim como a tendência para a década seguinte. A razão de sexo indica valor próximo a 100, ou seja, o número de homens e o de mulheres residentes nesta região são bastante semelhantes.

As mudanças demográficas ocorridas na última década, assim como aquelas esperadas para a próxima, podem ser visualizadas na tabela a seguir e nas pirâmides etárias da população.

Destaca-se o envelhecimento da população, ilustrado pela ampliação da parcela correspondente à população idosa, que está associado à redução do número de nascimentos, assim como ao aumento da longevidade. A parcela referente à população jovem, com menos de 15 anos, reduziu-se de 25,1%, em 2000, para 21,0%, em 2008, deverá chegar a 17,5%, em 2020. Por outro lado, a população com 60 anos ou mais passou de 10,5% para

11,9%, entre 2000 e 2008, e espera-se que corresponda a 16,5% do total populacional, em 2020. Este fenômeno torna-se cada vez mais marcante na medida em que se observa o estreitamento de sua base, em decorrência da redução da fecundidade.

Para a realização do exercício proposto, de estimar a demanda de serviços de saúde pela população feminina, relacionaram-se as especificidades dessa demanda segundo diferentes grupos etários, descritos sinteticamente a seguir.

- As mulheres em idade fértil, de 15 a 49 anos, encontram-se incluídas em todas as modalidades de assistência à saúde reprodutiva (planejamento reprodutivo, pré-natal, parto, puerpério, entre outras). Em 2000, esta parcela correspondia a 237,8 mil mulheres, passando para 268,4 mil, em 2008, e devendo alcançar 281,0 mil, em 2020, ou 51,8% da população feminina. A fecundidade das mulheres residentes nesta região foi de 1,5 filho por mulher em 2008, totalizando 12,0 mil nascimentos. É de se esperar, portanto, que nesse horizonte temporal não haja grande alteração na demanda por tais serviços, o que permitiria aprimorar o atendimento materno-infantil e direcionar novos investimentos para o atendimento das mulheres em faixas etárias mais elevadas.

- Uma parcela desse segmento é de adolescentes, com idade entre 15 e 19 anos (38,2 mil jovens ou 8,0% da população feminina, em 2008), das quais 2 mil foram mães neste mesmo ano. A esperada redução dessa parcela (que deverá equivaler a de 33,3 mil jovens ou 6,1%, em 2020) e consequente redução da gravidez na adolescência deverão permitir o desenho de programas preventivos mais dirigidos aos segmentos de maior risco.
- O número de mulheres com idades entre 35 e 64 anos tem impacto no dimensionamento da atenção à saúde da mulher no climatério. Este contingente, que respondia por 32,6% da população feminina, em 2000, aumentou para 36,3%, em 2008, correspondendo a 174,8 mil mulheres. As projeções para 2020 indicam que tal parcela chegará a 229,3 mil mulheres e representará aproximadamente 42,3% das residentes na Região Central. São elas o público-alvo de serviços de diagnóstico de doenças crônicas (diabetes, hipertensão, doenças cardíacas e da tireoide), de rastreamento de câncer ginecológico e de mama, assim como de ações de prevenção de doenças coronarianas e osteoporose. Espera-se, portanto, aumento da demanda por tais procedimentos, cujo atendimento requer a ampliação programada de sua oferta.

Indicadores demográficos selecionados Estado e RA Central – 2000-2020

Indicadores demográficos	2000	2008	2020
Estado de São Paulo			
População total (em mil habitantes)	36.974,4	41.139,7	45.972,3
Taxa de crescimento anual da população (em %)		(1)1,34	(2)0,93
Razão de sexo (homens por 100 mulheres)	96,0	95,7	95,2
População com menos de 15 anos (em %)	26,3	23,5	19,6
População com 60 anos e mais (em %)	9,0	10,5	15,4
Taxa de fecundidade (filhos por mulher)	2,2	1,7	
Região Administrativa Central			
População total (em mil habitantes)	853,9	953,2	1.068,5
Taxa de crescimento anual da população (em %)		(1) 1,39	(2) 0,96
Razão de sexo (homens por 100 mulheres)	99,1	98,2	97,1
População com menos de 15 anos (em %)	25,1	21,0	17,5
População com 60 anos e mais (em %)	10,5	11,9	16,5
Taxa de fecundidade (filhos por mulher)	1,8	1,5	

Fonte: IBGE; Fundação Seade.

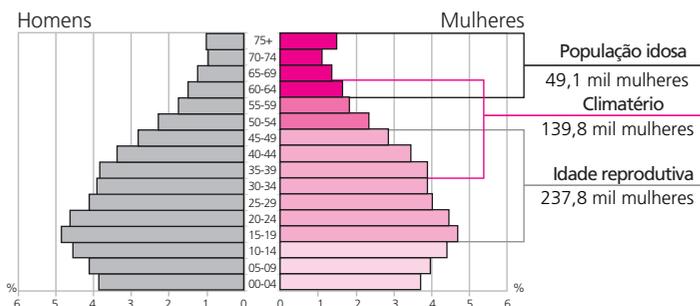
(1) Taxa geométrica de crescimento anual da população 2000-2008.

(2) Taxa geométrica de crescimento anual da população 2008-2020.

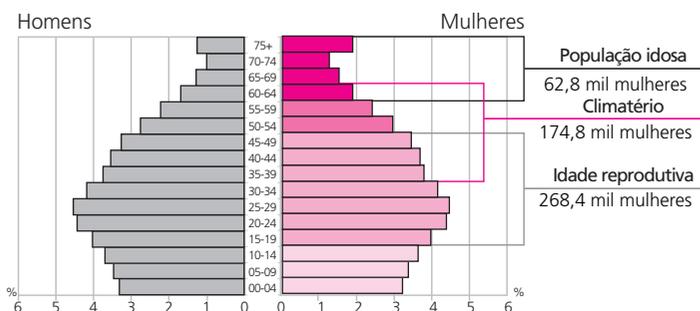
Nota: As informações de população de 2000 são originárias do Censo Demográfico do IBGE e as de 2008 e 2020 correspondem às projeções populacionais da Fundação Seade.

Pirâmides etárias da população, por sexo RA Central – 2000-2020

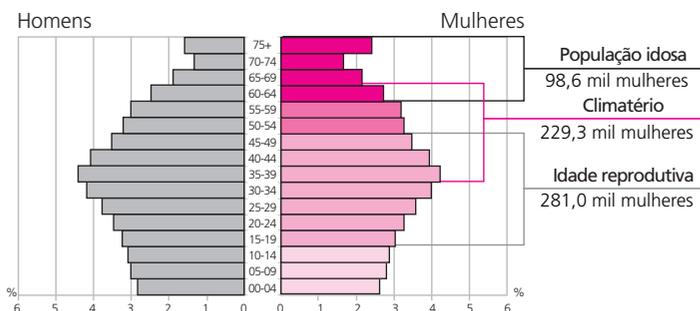
2000



2008



2020



Fonte: Fundação Seade.

- A população feminina idosa, com 60 anos ou mais de idade, vem aumentando rapidamente ao longo dos anos. Em 2000, respondia por 11,5% do total de mulheres residentes nesta região, passou para 13,1%, em 2008 (62,8 mil mulheres), e deverá representar 18,2%, em 2020, com aproximadamente 98,6 mil mulheres demandando atenção em relação às doenças crônico-degenerativas, 36 mil a mais que o contingente estimado para 2008. Também nesse caso, há que se programar antecipadamente a ampliação da oferta necessária ao atendimento desse segmento populacional e adequá-la às suas condições de mobilidade, que tendem a se restringir nessa etapa da vida.

Essa simples observação das pirâmides etárias, pela ótica da demanda por serviços de saúde das mulheres, mostra a necessidade de se redefinirem as prioridades na expansão da oferta de serviços e na qualificação de profissionais da área, no sentido de atender às demandas crescentes dos segmentos de maior idade. Além disso, não se espera reduções expressivas na procura por atendimento das mulheres em idade fértil, o que significa manter e aprimorar a atual oferta de serviços dirigida a esse público.

Análises semelhantes podem ser feitas para outras áreas de atuação pública, como educação, previdência e assistência social, entre outras, permitindo um dimensionamento mais adequado da população a ser atendida por políticas e programas sociais, fator decisivo para seu sucesso.

Base produtiva e perfil econômico regional

A RA Central, composta por 26 municípios, possui base econômica diversificada, contando com expressiva participação tanto da agropecuária como da indústria. Os municípios de Araraquara e São Carlos configuram-se como polos econômicos regionais e apresentam estruturas industriais diferenciadas. A capacitação científica e tecnológica das universidades localizadas na região tem sido fundamental para o aumento da produção local e o adensamento das cadeias produtivas existentes.

Na agropecuária, a Região Administrativa Central destaca-se pela cana-de-açúcar, produto preponderante, que participa com 44,5% do valor total da produção agropecuária regional em 2008, segundo os dados do Instituto de Economia Agrícola – IEA. Sobressai também a produção de laranja – para a indústria (16,6%) e de mesa (9,5%) – e a carne de frango (11,2%). Demais produtos com participação relevante no valor da produção do Estado são: limão (22,4%), manga (25,3%), goiaba para indústria (43,6%) e mel (18,4%). Desse modo, a RA Central tem expressiva participação na agropecuária do Estado, contribuindo com 7,7% do valor adicionado setorial.

São Carlos destaca-se como polo tecnológico e de desenvolvimento de pesquisa, com muitas empresas dessa natureza atuando nas mais diversas áreas – automação, tecnologia da informação, instrumentação eletrônica, mecânica de precisão, química fina e ótica. Seu complexo industrial conta com os ramos de alimentos e bebidas, metalurgia, madeira, têxtil e de equipamentos de instrumentação, entre outros. Parte significativa da produção industrial destina-se à exportação.

Conhecida como a Capital da Tecnologia, a cidade abriga *campi* da Universidade de São Paulo – USP e da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, além de duas unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa: o Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste e o Centro Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento de Instrumentação Agropecuária. Essas unidades produzem tecnologia de ponta nas áreas de melhoramento genético bovino e de desenvolvimento de equipamentos agropecuários.

Em 1984 foi criada a Fundação ParqTec, organização não governamental sem fins lucrativos, que tem o objetivo de gerenciar e promover o desenvolvimento do Polo Tecnológico de São Carlos, a partir da transferência de tecnologia das universidades e centros de pesquisas para as empresas.

Araraquara, por sua vez, possui expressiva produção agropecuária e, associada a ela, uma agroindústria de grande dimensão, com preponderância da fabricação de açúcar, álcool e suco de laranja. Também se destacam os ramos metal-mecânico, metalúrgico, têxtil e de vestuário. Há ainda empresas dos segmentos de química fina, bioquímica e indústrias pesadas de fabricação de vagões e turbinas. Além disso, o município constitui centro de desenvolvimento de novos negócios e de escoamento de mercadorias, pela possibilidade de utilização multimodal de transporte.

No setor terciário, Araraquara tem se consolidado como centro comercial e de serviços, especialmente pelos centros de ensino superior. Destacam-se a Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – Unesp e instituições particulares, além de centros e institutos de pesquisa importantes, como os da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (biotecnologia), do Instituto de Química (química fina) e do Fundo de Defesa da Citricultura – Fundecitrus. Na área da saúde, a cidade conta com três hospitais gerais, o Hospital da Mulher e várias clínicas especializadas.

Matão tem grande expressão regional na indústria e na agropecuária, Itápolis ocupou em 2008 o segundo lugar na cultura da laranja no Estado, já em Descalvado são importantes as produções de frango, álcool, açúcar e produtos alimentícios. Merecem destaque, ainda, Gavião Peixoto, pelos investimentos na indústria aeronáutica, e cidades com Arranjos Produtivos

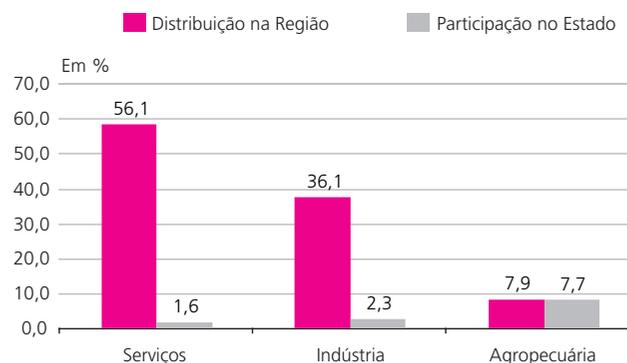
Locais – APLs, como Ibitinga (bordados) e Tabatinga (bichos de pelúcia). A região possui também vários atrativos turísticos históricos, culturais, ecológicos e de lazer.

A privilegiada posição geográfica regional propicia a utilização de sistema viário multimodal, composto por rodovias, ferrovias e um grande número de vias secundárias, para ligação com outras regiões do Estado e do país. Destacam-se as Rodovias Washington Luís (SP-310), Anhangüera e Bandeirantes. Além de contar com aeroporto, Araraquara é importante entroncamento ferroviário, com ligações a leste (Campinas, São Paulo e Santos), ao norte (Barretos e Colômbia, na divisa com Minas Gerais) e a oeste (São José do Rio Preto e Rubinéia, na divisa com Mato Grosso do Sul).

O dinamismo econômico da região tem atraído grandes investimentos no período recente. Segundo a Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo – Piesp, da Fundação Seade, na região, em 2008, foram anunciadas inversões no valor de US\$ 1,3 bilhão, quinto lugar no *ranking* do Estado. Investimentos que se dirigiram principalmente ao setor industrial, que respondeu por cerca de 70% do total, com destaque para o segmento aeronáutico, em Gavião Peixoto (US\$ 750 milhões). Os serviços absorveram os demais investimentos e sobressaiu o segmento de transportes terrestres (US\$ 377,1 milhões), com modernização da malha norte da rede ferroviária.

Em 2007, a RA Central contribuiu com R\$ 16.261,09 milhões para o PIB do Estado, o que correspondeu a 1,8% do PIB paulista. O setor terciário respondeu pelo maior percentual da atividade econômica regional. No entanto, a agropecuária foi o setor com maior participação na economia estadual, conforme o gráfico.

Distribuição e participação do valor adicionado, por setores de atividade econômica RA Central – 2007



Fonte: Fundação Seade.

O IPRS na Região Administrativa Central

A Região Administrativa Central ocupou a sétima posição no indicador de riqueza do IPRS e, nas dimensões sociais, recuou para a sexta posição em longevidade, bem como em escolaridade, quando comparada com as demais regiões do Estado, em 2008.

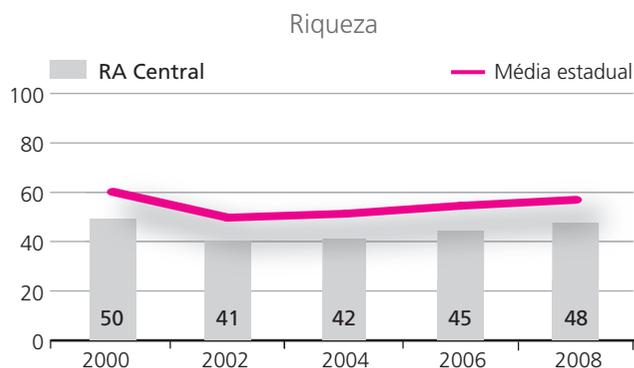
A distribuição dos 26 municípios que compõem a região nos cinco grupos do IPRS revela grande heterogeneidade entre eles. Araraquara e Gavião Peixoto mantiveram-se no Grupo 1, com bons indicadores nas três dimensões. No Grupo 2, com bons indicadores de riqueza, mas com alguma deficiência na área social, encontram-se quatro municípios. Foram classificados no Grupo 3 seis municípios, caracterizados por baixo nível de riqueza, mas indicadores sociais satisfatórios. Com baixos níveis de riqueza e deficiência em um dos outros dois indicadores, 13 localidades pertencem ao Grupo 4.

Em resumo, metade dos municípios permaneceram nos mesmos grupos entre 2006 e 2008, e os demais foram reclassificados, sete deles com melhorias no índice.

O indicador agregado de riqueza regional cresceu 6,7% no período e excedeu o ritmo estimado para o conjunto do Estado (5,5%). Na região, todos os municípios mostram escores de riqueza estáveis ou crescentes, exceção feita a Gavião Peixoto.

Observou-se, o seguinte comportamento das variáveis que compõem a dimensão riqueza, entre 2006 e 2008:

- o consumo anual de energia elétrica por ligação no comércio, na agricultura e nos serviços aumentou de 12,73 MW para 14,40 MW, e a média do Estado, em 2008, foi de 18,73 MW;
- em 2008, o consumo de energia elétrica por ligação residencial ampliou-se de 1,91 MW para 2,04 MW, inferior à média verificada no Estado, de 2,41 MW;



Fonte: Fundação Seade.

- o rendimento médio do emprego formal aumentou de R\$ 1.185 para R\$ 1.254, mas permaneceu abaixo da média do Estado (R\$ 1.663);
- o valor adicionado fiscal *per capita* manteve-se estável, ao oscilar de R\$ 12.058 para R\$ 11.777, valor inferior à média do Estado (R\$ 14.418).

Na RA Central, três dos componentes que integram o indicador de riqueza cresceram em relação a 2006. O consumo anual de energia elétrica residencial por ligação aumentou 6,6%, acréscimo ligeiramente superior ao verificado no Estado. Já o consumo de energia elétrica nos setores primário e terciário cresceu 13,1% e o nível dos salários médios do setor formal, 5,8%. Em contrapartida, o valor adicionado fiscal *per capita* da região, variável associada à dinâmica econômica, variou ligeiramente (-2,3%), situando os valores da região abaixo da média do Estado.

Acompanhando a tendência da região, o consumo anual de energia elétrica nos setores produtivos cresceu, em maior ou menor ritmo, em 22 dos 26 municípios, com destaque para Boa Esperança do Sul, Trabiju e Motuca, que registraram crescimento intenso neste componente. Com relação aos salários médios do emprego formal, metade dos municípios tiveram aumento superior a 5%. Em oposição, em apenas sete municípios da região o valor adicionado fiscal *per capita* elevou-se.

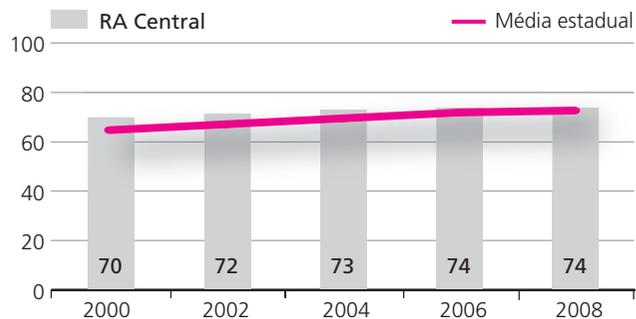
O indicador agregado de longevidade na região não variou no período, mas se manteve acima da média estadual. Essa tendência não foi generalizada entre os municípios e 11 deles somaram alguns pontos aos seus escores, destacando-se Santa Lucia e Ribeirão Bonito. Dez localidades reduziram sua pontuação enquanto outras cinco mantiveram-se estáveis. Como resultado dessas mudanças, 12 municípios superaram a média estadual.

Na região, observou-se o seguinte comportamento das variáveis que compõem a dimensão longevidade, entre 2006 e 2008:

- a taxa de mortalidade infantil (por mil nascidos vivos) manteve-se estável ao passar de 11,4 óbitos para 11,6, e permaneceu abaixo da média estadual (12,7);
- a taxa de mortalidade perinatal (por mil nascidos) registrou aumento de 14,0 óbitos para 14,7, acima da média do Estado (13,9);
- a taxa de mortalidade das pessoas entre 15 e 39 anos (por mil habitantes) variou de 1,37 para 1,32 óbitos praticamente equiparando-se à média do Estado (1,38);
- a taxa de mortalidade das pessoas com mais de 60 anos (por mil habitantes) manteve-se estável em 37,4, ao passo que a média do Estado foi de 36,8.

Os indicadores que compõem a dimensão longevidade mantiveram-se estáveis na região, exceto os níveis da mortalidade perinatal, com elevação de 5% no período. Esta última variável

Longevidade



Fonte: Fundação Seade.

apresentou redução importante em dez municípios da região, contudo, recomenda-se cautela na análise da magnitude de tais taxas para municípios de pequeno porte populacional, devido às flutuações provocadas por um número reduzido de eventos no cômputo dessas estimativas.

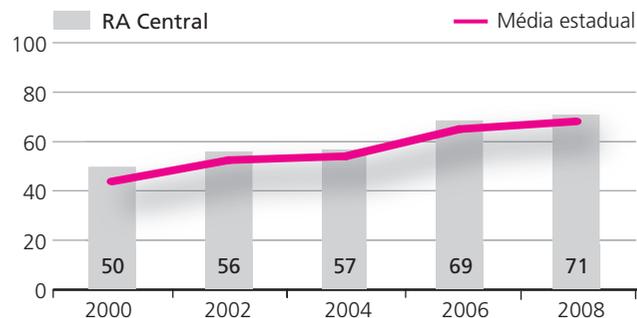
A Região Administrativa Central conquistou uma posição no *ranking* de escolaridade e manteve, em 2008, escore superior à média estadual. Com exceção de Araraquara, os demais municípios da região elevaram seus escores e apenas 10 posicionaram-se abaixo da média do Estado.

Na região, observou-se o seguinte comportamento das variáveis que compõem a dimensão escolaridade, entre 2006 e 2008:

- a proporção de pessoas de 15 a 17 anos que concluíram o ensino fundamental aumentou ligeiramente de 76,5% para 79,9%, situando-se acima da média do Estado (77,5%);
- a proporção de pessoas de 15 a 17 anos com pelo menos quatro anos de estudo oscilou de 99,9% para 99,6%, nível similar ao registrado no Estado (99,5%);
- a proporção de pessoas de 18 a 19 anos com ensino médio completo aumentou ligeiramente de 54,4% para 57,1%, enquanto a média estadual, em 2008, correspondeu a 56,6%;
- a taxa de atendimento escolar das crianças de 5 e 6 anos manteve-se estável ao variar de 89,1% para 87,2%, permanecendo acima da média do Estado (81,9%).

A RA Central avançou nos indicadores dos ensinos fundamental e médio, acompanhando a tendência observada no Estado. No contexto intrarregional, 20 municípios ampliaram em pelo menos 5% a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo e 12 deles superaram o nível médio estadual nesse indicador (77,5%). Do mesmo modo, a proporção de jovens entre 18 e 19 anos com ensino médio

Escolaridade



Fonte: Fundação Seade.

completo é maior do que a média do Estado (56,6%) em 12 dos 26 municípios da região.

As taxas de atendimento escolar das crianças de 5 e 6 anos em todos os municípios da região excedem a média estadual (81,9%), excetuando-se Boa Esperança do Sul.

Desde 2000 a região supera o escore médio estadual de longevidade e, em 2008, o índice de longevidade não se alterou significativamente. Assim, a RA retrocedeu três posições nesse *ranking* e ocupa a sexta colocação entre as regiões do Estado. Os componentes de longevidade mantiveram-se estáveis na região entre 2006 e 2008, com exceção da taxa de mortalidade perinatal, que se elevou nesse período.

Na dimensão escolaridade, a RA Central elevou discretamente os níveis de seus indicadores nos ensinos fundamental e médio, mantendo-os acima dos valores médios estaduais. Destacam-se as elevadas taxas de frequência escolar das crianças de 5 e 6 anos, variável em que todos os municípios da região (exceto Boa Esperança do Sul) posicionam-se acima do atendimento médio no Estado. Além disso, 12 municípios da região apresentam níveis de conclusão dos ensinos fundamental e médio acima da média do Estado. Todos os municípios da região elevaram seu escore de escolaridade entre 2006 e 2008, com exceção de Araraquara, e 15 deles posicionam-se acima do escore médio no Estado.

A Região Administrativa Central, em termos do IPRS, teve desempenho crescente na dimensão riqueza (6,7%), que excedeu o ritmo de crescimento e dinamismo estimado para o conjunto do Estado (5,5%). Tal resultado se deve à expansão, nesse intervalo de tempo, de mais de 13% no consumo de energia elétrica no comércio, na agricultura e nos serviços e de 5,8% nos níveis do rendimento médio do emprego formal. Ainda assim, o nível de riqueza regional (48) situa-se abaixo do escore médio do Estado (58).